



A ESTRELLA  
DE  
PORTUGAL,  
O FELIS NASCIMENTO  
DA SERENISSIMA  
INFANTA.

DEDICADO AO MUITO ALTO, E PODEROSO  
PRINCEPE  
SENHOR NOSSO,  
POR ANTONIO MARQUES LESBIO.

LISBOA

*Com as licenças necessarias.*

Por Antonio Craesbeeck de Mello, Impressor de S. ALTEZA

Anno 1669.

RES  
4297/IV



8180401H



E ao nascer da alegre Primavera cantão as AVES todas : que muito eu (inda que ave menos azada) me atreva hoje a cantar,

se vejo a melhor Primavera amanhecher. V. A. no la deu com a melhor Flor, que he o seu primeiro Fruto; por isso este, que he o primeiro da minha Musa, consagro aos pès de V. A. Disculpa tem na causa o effeito, no affecto a confiança, & na confiança a vontade. Não he como esta a obra, que nunca fae a medida do desejo. Sò V. A. pòde fazer excepção a esta regra, pois mui à medida de nossos desejos são todas as suas obras. Nem he muito que assim seja, quem  
teve



teve hum A VÓ tam pio, hum Pai tam  
justo, & hũa Mãy tam religiosa; por  
cuja cauza posso dizer: *Pro patribus  
tuis nati sunt tibi filij.* E pera que naõ  
pàrem aqui as ditas, que nos reparão  
das desgraças, veremos compridos os  
dezejos, em compridas, & dilatadas  
glorias, quando: *Constitues eos principes  
super omnem terram.* Assim o espero em  
Deos, que guarde a V. A.

humilde criado de V. A.

Antonio Marques Lesbio.

I.

**A**BRE dourada chave em tempo d'ouro  
Da Paz, & Amor, o Templo reverente,  
Dõde expêde a Cõcordia o seu thesouro,  
Tanto lustro escondido à Lusa gente:  
Duplicada luz vêste o amante Louro  
Do melindre, que vio tronco virente,  
Cõ que argentando o Mar, dourando a Terra,  
Arrastra a sombra vil, o horror desterra,

II.

Phenis a Idade agora renascida,  
Se antes nas proprias cinzas abrasada,  
Nã de penas, mas glorias revestida,  
Nã em troncos, mas flores levantada:  
No letargo infeliz, que teve a vida,  
Em guerra, em sangue, em fogo desconfiada,  
Chegou ao Catorzeno, mas já agora  
A tornou a seustreze a nova Aurora.

III.

Qual fatigado alento, que respira  
Dezafogando a pena, que o apertãra,  
Da agonia, & trabalho em que se vira,  
Que hum ay em doce alivio articulãra:  
Assim cançado o mundo, que se admira  
De ver que o antigo mal se lhe repãra,  
Hum ay doce encomenda aos leves áres  
Por se ver sem o pezo dos pezares.





## IV.

Tu ternissima Musa, que no berço  
 Rayos o Sol te veste por mantilhas,  
 Nectar te dão as Graças puro, & terço,  
 Pera exceder de Apollo as nove filhas,  
 Infunde alento â voz, & graça ao verço,  
 Que hade contarte as tuas maravilhas,  
 Sei á por tua gloria a minha pena,  
 Do ár vago Clarim, do mar Syrena.

## V.

Em Leito de Christal, de Ouro bordado,  
 De Perolas nevadas guarnecido,  
 O Lusitano Tejo celebrado,  
 Pella alta noite estava adormecido:  
 De pagar o tributo ao mar salgado,  
 Ou preguiçozo andava, ou esquecido,  
 Ou tambem porque as aguas prateadas  
 Em fria neve estavam congeladas.

## VI.

Là no Reyno de Doris Neptunina  
 Já do tributo a falta se notava,  
 E o Rey, que em branco Imperio predomina  
 Sobrefalta do as aguas inquietava:  
 Como (com voz profere peregrina)  
 Menega o Tejo agora, o que pagava?  
 Por ventura que queira por seus brios  
 Ser potentado livre dos maes rios.

VII.

Não, que depois que Febo ardente, & louro  
O giro começou lá na campanha  
De Diamante, & Zafira em Prata, & Ouro  
O Indo, o Nilo, o Ganges acompanha:  
Antes accumulando o meu thesouro  
Comigo equivocava a copia estranha,  
Tanto, que duvidei turbado, & frio,  
Se elle feria o mar, se eu era o rio.

VIII.

Porém contra as que julgo aqui evidencias,  
Porém contra as que toco repugnancias,  
Arguir do que ha sido, são demencias,  
Duvidar o que he, são ignorancias:  
Mais quando de hũas, & outras influencias  
Tem de nuvẽs, & rios abundancias,  
Quem duvida que nega o feudo antigo  
Pera ser brevemente igual comigo?

IX.

Iã os maritimos Deuses penetravão  
A paixão racional do pay facundo,  
Quando a ira hũs, & outros lhe abrandavão  
Com que o Christal turbava mais profundo;  
Bem quando arpadas settas, que picavão  
No corro festival, o furibundo  
Touro, que vão buscando tardamente  
Os penhores que o abrandão docemete.



Thetis cujo candor equivocava

Da agua nevada a espuma humedecida,

Os cuidados do amante mitigava

Dos relevantes hombros suspendida:

A voz que em brando alivio articulava,

Aa encantadora Ligia parecida,

Se lá estivera o ar, que a trasladara,

O mesmo ar, que a trouxera se encantara.

## XI.

Amante, diz, & Esposo, em cujo peito

Lugar sò teve amor (se amor não erra)

De hum fogeito, que a ty só foi fogeito,

Dos Deuzes a pezar do Ceo, & Terra:

Se de teu peito a paz sou com effeito,

Como no peito tens a paz, & a guerra?

Vê que de amor na esfera sem limite

Tudo que amor não he, senão permite.

## XII.

Tu contra o Tejo irado! quando o Tejo

Só por verte prizoões de Ouro desata,

Cuja area dourada em tal dezejo

Retroceder não pode a livre Prata:

Com tal velocidade, & tal despejo

Duas vezes de verte ao dia trata,

Que trouxera, se o ferro os não prendece,

Os lenhos, com que bosque se parece.



*A Estrella de Portugal.*

XIII.

Bem pôde ser que algũa novidade,  
De quantas lhe acontecem cada dia  
Lhe embargue o curso, & não a lealdade,  
Lhe estorve o passo, & não a fidalguia:  
Tambem faltará aquella agilidade,  
E transparente do te, que o seguia,  
De outros rios menores, que he bem ande  
Cortezmente seguido hum rio grande.

XIV.

Assim fala, assim roga, assim mitiga,  
Discreta, cudadosa, & providente,  
Ao charo Esposo, q' co a dor litiga  
Dentro no arbitro peito donde a sente:  
Qual de Atmodio a Leena doce amiga,  
Que o amante mitigando impaciente,  
Cõ debil, inda que grilhão nevado,  
Soltando o pranto, o amigo tem atado.

XV.

Faltava no Palacio christalino,  
Neste tempo Protheo mais sabio, & velho,  
Que em qualquer raro cazo, & peregrino  
Foi peregrino sempre o seu conselho:  
Era levado a caso do destino,  
Do Tejo a ver as formas em o espelho,  
Que entre caixilho de Ouro o christal puro  
Vai formando, se vai manso, & seguro.

Alli

## XVI.

Alli sabe do rio a causa grata,  
 Que o move a não moverse diligente,  
 Não, porque o cazo ignore, que o dilata,  
 Que o passado, & futuro lhe he presente:  
 Com labio de Christal o pé de prata  
 Do Deus, o rio beija reverente,  
 E athe a barra o acompanha o branco Tejo,  
 Que he corrente das aguas o cortejo.

## XVII.

Sobe pois na charroça, de que as Phocas  
 Por cordas de coral alli flexivel  
 Tirando vão das verdinegras bocas,  
 Com passo á vista quasi imperceptivel:  
 Madreperola he, christal de rocas  
 Da charroça a materia mais visivel,  
 Zafira a guarnição, Electro o assento,  
 Pregaria Diamantes cento a cento.

## XVIII.

Sòbe, caminha, passa, corre, & voa,  
 Que o cuidado paterno preconhece;  
 Já do Tritão cocheiro a voz atoa,  
 E no Palacio o êcho se estremece:  
 Baxa, entra, sauda, pára, & soa  
 O ruído cortez, que elle merece,  
 E o bulhicio silencio sendo todo,  
 Com modo grave falla deste modo.



XIX.

Bem que da novidade nasce o espanto,  
Ninguem se admira ja da novidade,  
Que o que se faz commum não pede tanto,  
E a novidade he velha nesta idade:  
Tu Padre sim, que em christalino encanto,  
Ou só bonança vez, ou tempestade,  
E porque admirações te não permites,  
Não passaste já mais de teus lemites.

XX.

Bem pudêra tornar atraz o Tejo,  
Admirada a corrente, & suspendida,  
De hum, & de outro successo, que o dezejo  
Tem por objecto o vario nesta vida:  
Não parou quando vio (fatal despejo)  
A terra que banhou restituida,  
Nem quando os campos vio, & os outros rios  
Correr com sangue quente inda mais frios.

XXI.

Tornar o passo a traz muy bem pudêra,  
E qualquer em tal caso o desculpâra,  
Quando o Sol Lusitano se puzera,  
E a Portuguesa Lua se ecclypâra;  
Que parâra tambem lhe concedera,  
Quando vio perecer a Patria chara,  
E estar em leve assento o pezo grave,  
Da dourada Coroa, Septro, & chave.

## XXII.

Esta licença então bem desculpada,  
 Merecida melhor hoje se prova,  
 Que lhe nasceo a Estrella dezejada,  
 Que as venturas antiguas lhe renova:  
 Por trazer na corrente prateada  
 Novo aljofar da bella Aurora nova,  
 Parou hoje a corrente, & porque via  
 Em seus braços nascer de noite o dia.

## XXIII.

Nem de Africa o destroço lastimado,  
 Nem de Iberia depois a posse injusta,  
 Nem o gosto do Reyno libertado,  
 Nemos triunfos de Pallas sempre justa:  
 O grande Tejo antigo, & celebra do  
 Se turba, pâra, cança, falta, affusta,  
 Sò agora se pâra, porque agora  
 Logra de antigos males a melhora.

## XXIV.

He o caso, que o Reyno Lusitano  
 Cujos florido campo o Tejo rega,  
 Por seu Principe Heroico, & soberano  
 Da guerra, & tyrania hoje socega:  
 Em decorosa paz, que Marte ufano,  
 (sem descrime porém) tanto ha lhe nega,  
 Goza sobre triunfante, & victorioso,  
 As primeiras auras de ditozo.



XXV.

Porém como faltasse a tal ventura

A successão feliz que a confirmace,  
Hoje o Ceo piedoso lha assegura  
Em hũa bella Infanta, que lhe nasce:  
Huma flor em que a graça, & fermosura,  
He o aspecto do Ceo, do Sol a face,  
Porque a graça do Pay, da Mãy o bello  
A informâção da planta até o cabelo.

XXVI.

Esta he aquella porquem o Tejo agora

Com disculpa, & razão lâ se ha detido,  
Donde servir de berço a tal Aurora  
Por christalino, & manço ha pretendido:  
Que culpa pôde ter doce a demora,  
Se attractiva belleza o tem prendido?  
E hũa belleza tal, que lhe dilata  
As aguas em christaes, christaes em prata,

XXVII.

E se quereis saber o que o destino

Nesta real premicia hoje decreta,  
Escutai hum Oraculo divino,  
Ouvi a sabia Lâchezis discreta:  
Cantar lhe ouvi em metro peregrino,  
Quando estambre vital sutil affeta,  
E no que fia então, & no que canta,  
Vaticinio era certo desta Infanta.



Pàra teu curso, ó Tejo, a Parca entoa,  
 Quando este bello fio informe a vida  
 Daquella Infanta, cujo pè coroa  
 A que inclinas cabeça humedecida:  
 Quanto aqui minha voz della pregoa  
 Tua corrente attenda suspendida,  
 Pera que quando a Thetis se remonte  
 As verdades que canto, lá lhe conte.

Pedro discreto, afavel, sabio, & forte,  
 Que Principe ha de ser da Paz dourada,  
 Lâ na Corte Real, da Real Corte  
 As redeas tomará da Patria amada;  
 E depois que o apocrifo consorte  
 Lhe dimitir a machina pezada,  
 Vinculará em conforcio verdadeiro,  
 Aa que o tivera nullo cõ o primeiro.

Deste pois, & da Esposa peregrina,  
 Ha de ser primogenita galharda  
 Hũa Infanta gentil, bella, & benigna,  
 Porquem o Ceo suspira, o mundo aguarda:  
 Tanto felis portento esta Minina  
 Em berço, vida Gresso, & Teda guarda,  
 Que do applauso, da Fama, & da memoria  
 Ha de ser grato assumpto, & doce historia.



*A Estrella de Portugal.*

11

8

XXXI.

Não foi tão grato a Pirrha, nem ao Esposo  
Do immenso mar em meyo vacilantes,  
Ver de Themis o Templo magestoso,  
Em que o lenho pendurão naufragantes;  
Como â Patria será, & ao Tejo undoso,  
Ambos em mor diluvio fluctuantes,  
Ver que em seu tempo, & Templo lhe apparece  
A do Ceo Themis bella que amanhece.

XXXII.

Esta ao dente mordaz, & serpentino  
Da detração, do odio, & do veneno,  
Ferro será, mas ferro christalino,  
Que arrancando o sepulte em seu terreno.  
A a tormenta da Inveja (error indino)  
Iris se ostentará, & Ceo sereno,  
Que o diluvio dispida, & dê a bonança,  
Muy a pezar da sombra, & desconfiança.

XXXIII.

O seu sutil cabello largo, & louro  
Imitação será de Phebo claro,  
Quando pella menhãa reparte o Ouro  
Da madexa gentil no Solio raro;  
Ou recatado, ou publico o thesouso  
Liberal a Favonio, ó mundo avaro,  
Quando com a Coroa esteja bello,  
Tudo parecerá, que he seu cabello.

As fontes de christal da testa pura  
 Pera o mar da belleſa de ſua cara  
 Tem as largas entradas da eſpeçura,  
 Do pello entretecido que as ſoltâra :  
 Hũa, & outra no mar da fermofura,  
 E em ſeus nevados ambiros ſe pâra,  
 Cuja candida eſpuma, que exhalârão  
 A imminencia da testa ſalpicârão.

Seus ſoberanos olhos quem admira,  
 (Se ver ſe pôde o Sol na quarta eſfera)  
 A quinta eſſencia á luz, & ò rayo tyra,  
 E mais pura em ſeus olhos a pondera:  
 Melhor que o Sol diamante, & o Ceo Zafira  
 No deſpontar da alegre Primavera,  
 No azul, & claro tem ſeus olhos bellos  
 Polos de fermofura em parallellos.

Arbitro de christal, ou de alabaſtro,  
 Iſthmo que roxos mares determina,  
 Das faces de Carmim, de hum, & outro aſtro  
 Trouxe o naris a forma peregrina:  
 Das capanhas de nacar he pađaſtro,  
 De que o alento da boca doce mina,  
 Sobre que ambas as faces pelejando,  
 Parece que ſe eſtão enſangoentando.



XXXVII.

Todo bom gosto poz na boca breve  
A graça, & juntamente a natureza,  
Que em gelogias candidas de neve  
Fez sanefas de purpura a belleza:  
A mais primor a graça não se atreve,  
A mais graça o primor não tem destreza,  
Na boca todo o resto poem a graça,  
Que teme que a mormure se o não faça.

XXXVIII.

Robusta ao mesmo passo que mimosa,  
Larga ao mesmo compasso, que polida,  
A garganta ser áda deleitosa,  
Harmonia da cara estante unida:  
Nem a pluma do branco Cysne airosa,  
Nem a espuma que a Cyprea deu a vida,  
Competir pode em candida, & suave  
Co esta Deusa de amor, & com esta ave.

XXXIX.

São valentes, piedosas, & triunfantes  
As mãos deste prodigio esclarecido,  
Valentes, dão de mão aos arrogantes,  
Dão a mão piedosas ao caído:  
Os triunfos, as palmas relevantes  
No liberal das mãos tem merecido,  
E pera os olhos mãos da inveja ingrata,  
Hão de ser suas mãos figas de prata.

O firme

XXX.

O firme, & breve pé na varia roda,  
 Porá sempre a pezar da Deusa leve,  
 Porque a Esfera terrena veja toda  
 Reduzida a hũa planta firme, & breve;  
 Quanto no largo Mapa se accomoda  
 Os grãos de estimação a seu pê deve,  
 Que dominando os Orbes esta Infanta  
 Os honrará tocados com tal planta.

XXXI.

Deste assombro, que agora vou tecendo  
 Pera vir a ser pasmo das Idades,  
 Em sua Estrella estôu preconhecendo  
 Ser qual Cybele Mãy de Magestades:  
 Por esta Infanta bella irão fazendo,  
 Hũas Nasçoões com outras amizades,  
 Qual Estrella farâ, que luz enferra,  
 Que ao Rey do Ceo adorem Reys da terra.

XXXII.

Como em paz ha de ser seu nascimento  
 A Iustica tambem virâ com ella,  
 Que não tinha a Iustica proprio assento  
 Antes que se abracasse co a paz bella;  
 Neste Sol a Iustica lusimento,  
 A paz terá ventura nesta Estrella,  
 Porque da mão de Prata a espiga de Ouro  
 Ponha a Iustica em publico thesouro.

Deste



XXXIII.

Deste prodigio bello a fama estranha  
Terà suspenso de hũ, & de outro Polo,  
Quanto lava Anfitrite, & Dorisbanha;  
Quanto pratea Cynthia, & doura Apolo:  
Tudo o que o campo azul, verde a campanhã  
Contem, do Tejo aurifero a Pactolo,  
Seu claro nome ouvindo, ou cedo, ou tarde,  
Se de respeito treme, de amor arde.

XXXIV.

Não só quanto o Tanais, & o Istro lava,  
Quanto Tamasis, Rheno, & o Pado rega,  
Mas quanto abarca o Mar, à Terra escrava  
Da Marmarica ardente, infaulta, & cega:  
A inflexivel cerviz, a força brava  
Dobra a teu jugo, & a teu dominio entrega,  
E o Celifero Atlante por affombro,  
Como te julga Ceo, te inclina o hombro.

XXXV.

Quanto o Cimmerio Bosforo até donde  
Alcides poz ao Orbe o termo duro,  
Terra ao Mar, Mar à Terra corresponde,  
lura de te pagar eterno juro:  
Tudo o que mostra a luz, a sombra esconde  
Da tenebrosa noite, & dia puro,  
Quaes feudatarios rios de ambos mares,  
Te pagará tributos a milhares,

Quantos

XXXVI.

Quantos Reys honrarão aquella parte  
 A que deu de Agenor a filha bella  
 Nome eterno, darão só por buscarte  
 Ar ò ar, vella ao vento, & vento â vella:  
 Por seguirte cada hum, por alcançarte  
 Bella Infanta, seguindo tua Estrella,  
 Farà guerra mortal até que entenda,  
 Que a tua escolha acaba a sua contenda.

XXXVII.

Não sò estes, mas quantos as geladas  
 Extremas Zonas tem, & a Meia ardente,  
 Deixando as ceitas vis, que tem infamadas  
 Atè as ultimas partes do Oriente:  
 As soberbas Coroas inclinadas  
 A teus pès hão de por humildemente,  
 Cada hum por ser teu negro quer ser raro,  
 que as estrellas mais nobre, & o Sol mais claro.

XXXVIII.

Oh tres, & quatro vezes felis forte  
 Daquelle Heroe futuro, cuja palma  
 Se ha de enlazar co a tua por consorte,  
 De quem vida serás alento, & alma:  
 Elle de amor no incendio puro, & forte,  
 Tu de amante Himineo na doce calma,  
 Qual fertil vide ao Olmo forte afida,  
 Alma serà o Olmo, a Vide vida.



IL.

Oh como vejo os campos carregados  
De frutos bellos, de gostosas flores,  
Co a doce carga os troncos inclinados,  
Como risonho o Prado cos verdores:  
Iá de Pomona os frutos sazonados,  
Iá de Zefiro a Esposa em varias cores,  
Fazendo vão do branco Inverno, & frio,  
Primavera estival, florido Estio.

L.

Iá parece que vejo irse mudando  
Em arado o cutello, em fouce a lança,  
O horrisono tambor me está soando  
A sonoro violim, que move a dança:  
As Idades douradas vem chegando,  
Que he bem tivesse o mal sua mudança,  
Pois nascendo esta Infanta resuscita  
Da magoa o gosto, & da desgraça a dita.

LI.

Isto Lachesis canta, & isto entoa,  
Fiando o bello Estambre de Ouro puro,  
Que o Diamantino fuzo lhe Coroa,  
De que impartivel sae fino, & seguro:  
Oh mil vezes ditoza (diz) Lisboa,  
Não tão firme nas armas, nem no muro,  
Como na successão, que Magestades,  
Te darà desta Idade a mil Idades.



## LII.

Qual a obra serà, se este he o bosquejo!  
 Prosegua Protheo, ve Pay Neptuno  
 Se com rezão se pàra o branco Tejo  
 A ver em hũa Pallas, Venus, Iuno:  
 Se hoje lhe nasce o fim de seu desejo,  
 Quem culpará ao Tejo de importuno?  
 Que quando a dita vem sobre huma magoa,  
 O mar pàra dos olhos, do mar a agoa.

## LIII.

Isto disse, & os mais Deuses admirados  
 Do que conta Protheo ficão suspensos,  
 Huns nas Driadas bellas reclinados,  
 Outros vagando em paramos extensos:  
 Quaes nas liquidas aguas os nevados  
 Cyfnes à grata musica propensos,  
 Que ouvida a doce voz do alegre canto,  
 Palmão ao som, entregaõse ao espanto.

## LIV.

Mais o affombro daràra, senão fora  
 Ruido festival, que os despertàra,  
 Ao agradavel romper da roxa aurora,  
 Da torrente dos rios, que bazara:  
 Não como atêli foi mormuradora,  
 Mas festiva, risonha, alegre, & clara,  
 Do Mondego, do Lima, Minho, & Douro,  
 Que correndo Christal, arrastrão Ouro.



*A Estrella de Portugal.*

19

LV.

Vem por diversas partes as correntes  
Até párar nas cazas Christalinas,  
Donde os Deuzes venerão reverentes,  
Iá informados das ditas peregrinas:  
Dos campos, que regâo florecentes  
Trazem copia agradavel de boninas,  
Em final que em seus Prados lhes nascera  
A mesma flor, & a mesma Primavera.

LVI.

Aas Nereydas offertaõ quantas flores  
A seus campos roubârão, que admiradas  
Das fragancias sutís, das varias cores,  
Na cabeça as colôcão coroadas:  
Hûas parte repartem com os amores,  
Outras estão no alento regaladas,  
E sabendo dos Rios a alegria,  
A corrente cantava, o Mar seria.

LVII.

Então o Pay das aguas Oceano  
Iá socegado o vulto peregrino,  
Falla com voz suave, aspecto humano,  
Ao congresso dos Deuses christalinos:  
Deixemos (diz) que o Tejo goze ufano  
Do bem que lhe concede o seu destino,  
Logre a vista da Infanta, que lhe nasce,  
Seu pê lhe beje, seu Palacio abrace.



Não

Naõ sò elle, mas todo o mar undoso  
 Se algum dia no golfo transparente,  
 Se puzer este Sol mais luminoso,  
 Por fazer de outra parte novo Oriente:  
 Seu orgulho nevado, & proceloso,  
 A seu Imperio esteja obediente,  
 E porque goze o mar deste deleite,  
 Deixe o salgado, & seja mar de leite.

## LIX.

E vòs bellas Nereydas se gostares  
 De ver do claro Tejo a dita rara,  
 Bem podeis, penetrando os altos mares,  
 Das Tagides hir ver a copia clara;  
 Que eu aqui ficarei até voltares,  
 Esperando por vòs com Thetis chara,  
 De cuja, & minha parte Imperiosa,  
 Lhe dareis parabens, dos bens que goza.

## LX.

A penas lhe concede esta licença,  
 Quando as Nimphas maritimas da caza  
 De paros, & alabaistros, sem detença  
 A cada planta poem ligeira hũa aza;  
 Qual carrossa agonal, que porque vença  
 No veloz esta âquella, o eixo abraça,  
 Assim hũa correndo, & outra logo,  
 Parece que a mesma agua exhala fogo.



LXI.

Iã neste tempo o Sol aparecia  
Por entre os altos montes, cujo lume,  
Nos bocejos do quasi esperto dia  
Rayos reparte a hum, & outro cume:  
Elle com nova pompa, & galhardia,  
Mais que o sempre diurno, & real costume,  
Vay recebendo assim mayores falvas,  
Por nascer mais gentil com duas alvas.

LXII.

Quando as Nymphas entrando pello Tejo,  
Que a recebelas vem com passo grave,  
Com virginea mesurá, honesto pejo,  
Elle, & ellas se dão reciproco ave:  
O rio então fazendo o seu cortejo,  
Da Vrna de christal lhe entrega a chave,  
E com ella tambem lhe dèra a alma,  
Que lá dentro na agua amor o encalma.

LXIII.

Ellas vendo a Cidade populosa,  
Altas Torres, Palacios magestosos,  
A grata confuzão, & deleitosa,  
De Iardins, Fontes, Templos, & Colosos;  
Qual he, pergunta Doris coriosa,  
O Coliceo dos Princepes ditosos?  
Qual a Esfera gentil, Concha galharda,  
Que a Luz encerra, & a Perola nos guarda?

Esta

## LXIV.

Esta, o Tejo lhe diz, esta he senhora,  
 (Apontando a Palacio) a Esfera bella  
 Do meu Principe Sol, da minha Aurora,  
 E da que agora de ambos nasce Estrella.  
 Aqui minha corrente se de mora,  
 Porque nella se veja, & a veja a ella,  
 Que he Narcizo desta agua, & he preciso,  
 Que ella seja o Christal, eu o Narcizo.

## LXV.

Doris então olhando a Real Corte,  
 Donde a Luz pera Luso lhe amanhece,  
 Desta sorte bem diz, diz desta sorte,  
 Com graça, & voz, que as aguas enriquece:  
 Nasças embora Luz, como a do Norte,  
 Que de noite, & de dia resplandece,  
 Já mais em ti faleção claros dotes,  
 Que Occidentales ignorem, qual Bootes.

## LXVI.

Nasças tambem, qual Rosa desejada,  
 Pera Raynha ser das outras Flores,  
 Nacar vestida, & Ouro coroada,  
 Na Coroa Real, gentil nas cores:  
 Pretendida do Sol, quando envejada  
 Da mesma Primavera em teus alvares,  
 E nos dourados grãos te prognostiques.  
 Copiosa successão, que multipliques.



LXVII.

Estrella, & Rosa sejas, & igualmente,  
Por Estrellado Ceo, Rosa da Terra,  
Celeste, & humana sendo juntamente,  
Despede a sombra vãa, o horror desterra:  
Estrella infunde paz eternamente,  
Pois na Rosa o sanguineo não he guerra,  
E para os vis Turbantes convezinhos,  
Então serâs Cometa, então espinhos.

LXVIII.

Em tu Cidade Illustre, eternos annos,  
Por tão Heroicos Princepes te vejas,  
Em agradavel paz, livre de enganos,  
Em teu fermoso ser, exposta a invejas:  
Sobre ti infundão astros soberanos,  
Logrando eternamente o que dezejas,  
E dominando o mais que á terra sobra,  
O Turco-alfange quebra, a cerviz dobra.

LXIX.

Tambem tu claro Tejo, pois mereces  
Ver nascido hoje o Sol em tuas aguas,  
Cuja Esfera dourada lhe guarneces  
Co Christal, que em Neptuno te desaguas:  
Iã co a dita feliz, que reconheces,  
Revoca as glorias, & despede as maguas,  
Correndo de alegria, & não de medo,  
Claro, sereno, puro, manço, & quedo.

## LXX.

Disse: E apenas a voz lá fez assento  
 No Palacio gentil da nova Aurora,  
 Quando as Ninfas lhe inculcão cento, a cento,  
 Boninas, que formando vinha Flora:  
 Respira pello Prado doce alento,  
 Harmonia pello ár se ouve canora,  
 Que a fresca Primavera anticipada,  
 De aves, & flores vinha acompanhada.

## LXXI.

Com ella tambem vinha ao choro terno  
 Das Graças, que pretendem ser Mininas  
 De açafate da Infanta, a que o Inverno  
 Lizonjeou com Frutos, & Boninas;  
 Ellas pizando o ár com passo alterno,  
 Varias mudanças fazem peregrinas,  
 Ao som das claras fontes, & dos campos  
 Harpas são de christal, com verdes tampos.

## LXXII.

Então Flora as Boninas convocando,  
 Hũa varia Capella vai fazendo,  
 E com mão de Iasmim Rosas tomando,  
 Vai delicias formando, & as vai dizendo:  
 Tu Rosa, que em Carmim te estàs banhando,  
 Aaquella que hoje nasce obedecendo,  
 A purpura daràs pera que vista  
 Quantos a Idade de Ouro Reys alista.



*A Estrella de Portugal.*

25

15

LXXIII.

Signasse logo airoso na Capella

O Principe das flores bello Cravo,

Que lá tem descendencia de Arrochella

A flor de Lis da Mãy, do Sol agravo:

Com a Rosa se enlace pura, & bella,

Pera ser das mais flores de sagravo,

E porque seja flor mais opportuna,

Cravo serà da roda da Fortuna?

LXXIV.

Com a Perpetua venha a Maravilha,

Que hũa, & outra ha de ser a flor mais sua,

Que se em perpetuar nos maravilha,

A Maravilha he só que perpetúa:

Perpetua successão da Estrella Filha

O Rey Sol ha de ver, como a Mãy Lua,

Tendo por Maravilha das Idades,

De Angelica perpetuas Magestades.

LXXV.

A meya Esfera sobre a inteira roda

Co estas bizarras flores se remate,

E o mais vulgo florido cerque a roda,

O Ouro que em seu Ouro se dilate:

Quanto resto fragrante se accomoda

De Amalthea na copia, se dezate,

Porque conte por flores infinitas

Seus Frutos esta Flor, & suas ditas.



Assim

## LXXVI.

Assim diz, quando a gente Lusitana  
 Lhe embarga a voz, correndo mais festiva,  
 A dar-se o parabem da soberana  
 Luz, que a morta esperança lhe reviva:  
 Qual na Arabia Felis Phenis Indiana,  
 Que das cinzas mortaes saindo viva,  
 As aves, que a venerão por Princesa  
 Voão cántando, a ver sua belesa.

## LXXVII.

Assim concorre a gente alvoroçada,  
 E a Nobresa em Palacio se fauda,  
 Odio, & paxão em huns inveterada,  
 Em amor, & união alli se muda:  
 Bem como em campo verde a grei nevada,  
 De que o Pastor a cazo se descuda,  
 Que receando o Lobo, & vindo a alva,  
 A sy dà o parabem, & a ella a salva.

## LXXVIII.

Mas em tanto que as Deosas estão vendo  
 Da Esmeralda, & Christal no Tejo, & Prado,  
 O que a gente de Luso està fazendo  
 Com ditosa alegria, & bello agrado:  
 A filha de Thaumante vem decendo  
 Das mais supremas Deusas, com recado,  
 E fallando às mais Nimphas decorosa,  
 Ambar he seu alento, & a boca he Rosa.



LXXIX.

Diz que as Deuzas, que ocupa o Firmamento,  
E as que morão tambem no Mar undozo,  
Vendo da bella Infanta o nascimento,  
Que fará o Lusó Imperio o mais ditozo:  
Querem hoje naquelle, & neste assento,  
No prateado Mar, no Ceo lustroso,  
A dita celebrar do solio Hesperio,  
Que principio ha de ser de seu Imperio.

LXXX.

Que lá de Maya o filho pellos ares  
Da parte de Tonante Soberano,  
Co Caduceo na mão, nos pês talares,  
Vai avizar os Numes do Oceano:  
Que já sobem da terra, & vão dos mares,  
Por celebrar o gosto Lusitano,  
Que ellas venhão tambem, porque às Deidades  
Só pertence o Natal das Magestades.

LXXX.

Disse; & Doris nas aguas christalinas,  
Como Flora nos Prados florecentes,  
Ouvindo a voz das Deusas peregrinas,  
A que obedecem logo diligentes:  
Hũa vaíse acolhendo entre as boninas,  
Outra vaíse banhando nas correntes;  
Com tanta Flor, Jardim se ostenta o Prado,  
Com tanta graça, o Rio he Mar salgado.

F I N I S.

RES

4297/11V

Diz que as Dezas, que sepa o Firmamento,  
 E as que estão também no Mar andorô,  
 E cada de bella Infanta o nascimento,  
 Que fua o Lado Imperio o n'as dizeo:  
 Que em se não palle, e n'este effeito,  
 No p'ncipio fua no Ceo l'uzido,  
 A d'as celebrat do tollo Imperio,  
 Que p'ncipio ha de la de seu Imperio.

Que la de Mays o l'ino bello d'as,  
 De parte de Torante f'abrato,  
 Co Caduco na mão, nos pés calate,  
 V'ia vizar os Naves do Oceano:  
 Que ja f'obem f'abre e v'as dos mares,  
 Por celebrat o gosto l'uzido,  
 Que f'las ve d'ho também por que as Deidades  
 Se p'ntice o Nave das Magellanes.

Dille, e Deis nas aguas christãnas,  
 Como Flora nos Pados f'abrato,  
 Ouvindo a voz das Dezas portug'as,  
 A que obedece logo d'ignate:  
 Ha v'as acoberto coris as bonitas,  
 Que v'alle p'abado nas comentes,  
 Com tanta Flor l'ardim le offeio o Prado,  
 Com tanta graça, o Riche Mar l'algado.